

A GUERRA em 2014?

1.ª Parte

A Rússia, a Ucrânia, e o Terceiro Segredo de Fátima

Texto compilado pelos Investigadores do Centro de Fátima

O Padre Malachi Martin, Jesuíta e Professor no Instituto Bíblico Pontifício do Vaticano, foi solicitado pelo Cardeal Augustín Bea para ser seu conselheiro teológico durante o Concílio Vaticano II, entre 1958 e 1964. Grandemente respeitado pelo Papa João XXIII, o Padre Martin teve o privilégio de ler o Terceiro Segredo de Fátima.

Como o Padre Martin não queria tomar parte na “auto-destruição” da Igreja que se seguiu ao Concílio, pediu e obteve do Papa Paulo VI, em 1964, a autorização para se desligar dos Jesuítas e a dispensa dos seus votos de pobreza e de obediência. Conservou, no entanto, o voto de celibato e as suas facultades sacerdotais, e continuou a celebrar a Santa Missa diariamente.

O Padre Martin lamentava a decisão tomada pelo Papa João XXIII de calar o Terceiro Segredo de Fátima, e muito desejava revelar ao Mundo, sem rodeios, o seu conteúdo. Não lhe foi possível fazê-lo, devido ao voto de silêncio a que o obrigaram. No entanto, considerou-se livre para falar do Segredo em termos gerais.



O Padre Martin foi autorizado a ler o Terceiro Segredo de Fátima em 1960. Quarenta anos mais tarde, já perto do fim da vida, ele aproveitava cada oportunidade que tinha para avisar os fiéis sobre o conteúdo calamitoso do Segredo, ainda oculto, e fazia-o até ao limite possível, sem violar o seu voto de silêncio.

Algumas das declarações mais reveladoras do Padre Martin sobre o calamitoso conteúdo do Terceiro Segredo foram feitas em *Coast to Coast AM* – programa radiofónico de Art Bell – a 13 de Julho de 1998, aniversário do dia em que Nossa Senhora revelou o Segredo aos Pastorinhos, e apenas um ano antes do seu falecimento:

“Deram-mo para o ler numa manhã cedo, em Fevereiro de 1960; e, evidentemente, antes de o receber tive de fazer...[um] voto...de guardar segredo. É por isso que não posso revelar os seus pormenores nem usar de uma linguagem e expressões precisas...”

“O Cardeal que mo mostrou tinha estado presente numa reunião presidida pelo Papa João XXIII, nesse ano de 1960, destinada a dar a conhecer, a um grupo de Cardeais e prelados também presentes, aquilo que ele pensava que se deveria fazer com o Segredo. [O Papa] pensava que não o deveria tornar público. Isso iria arruinar as negociações, na altura em curso, com Nikita Khrushchev, líder de todos os Russos. E ele [o Papa] tinha também uma perspectiva diferente da vida, da qual ele se faria eco dois anos depois – na abertura do Concílio Vaticano II – de forma muito sucinta e quase desdenhosamente. No meio da sua alocução na Basílica de São Pedro, a 11 de Outubro de 1962, dirigindo-se aos Bispos reunidos que vinham para o Concílio Vaticano II, e aos visitantes (a enorme Basílica estava cheia de gente), pôs a ridículo e falou com desdém das pessoas a quem chamava “profetas da desgraça”. E não houve dúvida alguma na mente de todos nós de que ele se referia aos três profetas de Fátima...”

“Ela [a revelação do Terceiro Segredo] será um choque, não há dúvida sobre isso... [S]im, chocará, electrizará o povo, **encherá os confessionários** aos Sábados, até ao pôr do sol. Encherá as Catedrais, as Basílicas e as Igrejas com devotos, **de joelhos e a bater no peito.**”¹

À luz da recente absorção da Crimeia pela Rússia e da ascendente tensão entre a Rússia e a União Europeia acerca da Ucrânia, é de especial interesse a referência do Padre Martin à função de Kiev (a capital da Ucrânia) nas profecias do Terceiro Segredo. Eis um excerto da entrevista ao Padre Martin, feita em 1991 por Bernard Janzen, da “Triumph Communications”:

Sr. Janzen: -O senhor Padre mencionou agora Gorbachev – e o livro *Windswept House (A Casa Onde os Ventos Choram)* falava muito sobre a Rússia. A Rússia ainda desempenhará um papel importante na Mensagem de Fátima, apesar de ter caído a cortina de ferro?

Pe. Martin: -Sim! Sim!...Agora, com respeito à Mensagem de Fátima, ainda mantém um papel importante. Mantém, sim! Os “erros da Rússia” estão agora espalhados. E estão a espalhar-se. “A Rússia converter-se-á”, mas somente pelo Meu Imaculado Coração – disse a Senhora. Converter-se-á – disse-o Ela. Um pouco tarde, mas não tarde demais – disse-

o Ela. Assim sendo, a Rússia continua a estar dentro do plano. Porquê? Veja bem: isso levar-me-ia a falar demasiado sobre o segredo pontifício, porque **tanto a Rússia como Kiev** acabam por se enlaçar na solução final do problema; estão enlaçados. E estão integrados nessa solução. E é essa, realmente, a escolha de Deus. É pura e simplesmente uma escolha de Deus... Ele faz escolhas. Tem as Suas soluções, próprias e preferidas, para as coisas. Eu não teria escolhido **nem os Russos nem Kiev**, nem sequer o Oriente, para a salvação; mas a salvação virá do Oriente para todos nós.²

O Padre Martin fala como se Nossa Senhora de Fátima Se tivesse referido especificamente a Kiev no Terceiro Segredo, *na mesma linha das Suas profecias com respeito ao papel da Rússia* (depois de se ter convertido), fazendo também passar por ali o Triunfo do Seu Imaculado Coração. Será Kiev um órgão central das operações da Rússia no momento em que a Rússia se converter? Se assim é, a absorção da Ucrânia pela Rússia parece levar-nos um passo à frente em direcção aos tempos temíveis em que se cumprirão, finalmente, as profecias de Nossa Senhora relativas a perseguições e à *aniquilação de nações*.

79.68% da população da Crimeia está a favor da união com a Rússia

1 de Março de 2014. Sebastopol, sede da Frota Russa do Mar Negro.

Um comboio de camiões blindados com matrículas militares russas chega a uma base da guarda fronteiriça, nesta cidade portuária da Crimeia. Mais de 100 soldados armados, de língua Russa (mas cujos uniformes não trazem insígnia que os identifique), descem das viaturas e tomam posições ao longo da zona principal do porto.

A população local, emocionada, enche inteiramente o cenário, agitando bandeiras russas. Aqueles soldados disfarçados recusam identificar-se aos jornalistas, e mandam-nos manter-se à distância. À população local, pelo contrário, permite-se-lhes que estejam no meio dos soldados, a tirar fotografias e a oferecer cigarros.

Este cenário repete-se noutras cidades da Crimeia. É cercado o quartel da Marinha Ucrainiana em Sebastopol. Na cidade portuária vizinha de Feodósia, um destacamento de infantaria de Marinheiros Ucrainianos é cercado e obrigado a render-se.

Mais tropas – possivelmente 16.000 soldados – ocupam as artérias principais da Península da Crimeia, cercando edifícios governamentais, ocupando os aeroportos principais da área e bloqueando bases militares ucranianas.

Segundo os relatos dos meios de comunicação social ocidentais, a Crimeia fora invadida e conquistada pela Rússia. Mas a vasta maioria dos cidadãos da Crimeia não concorda com tal afirmação. Vamos ver porquê.



O Mundo interroga-se: “-Afinal, a Crimeia faz parte da Ucrânia ou da Rússia?” Uma resposta implícita mas enérgica é sugerida pela presença destes soldados de língua Russa (cujo fardamento não traz qualquer insígnia que indique a sua nacionalidade) que montam guarda nos edifícios em Simferopol, a capital da Crimeia.

Antecedentes: O desmembramento da Ucrânia

Desde que a Ucrânia se restabeleceu como nação soberana – após a dissolução da União Soviética, no final da Guerra Fria – que este país tem vindo a sofrer altos níveis de corrupção política. Diz-se que a Administração do Presidente recentemente deposto foi “edificada sobre a corrupção total” e que ele roubou literalmente milhares de milhões de dólares da fraca economia ucraniana.³

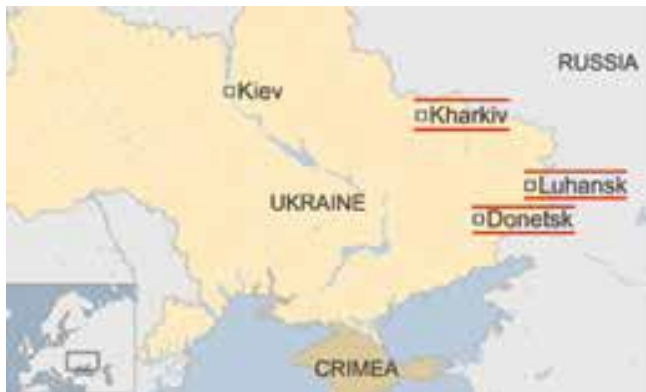
Outro factor que faz da Ucrânia uma presa fácil para aqueles que querem desequilibrá-la é o facto de a população estar artificialmente unificada. As províncias orientais e meridionais, incluindo a Crimeia, são territórios tradicionalmente russos, e não estão historicamente vinculados à Ucrânia. Essas regiões foram transferidas, nos anos de 1950, da Rússia Soviética para a República Socialista Soviética da Ucrânia, por Khrushchev – que o fez na esperança de diluir e diminuir a influência Nazi que persistia depois da 2.^a Grande Guerra, uma vez que muitos Ucrânicos ocidentais tinham lutado ao lado de Hitler. Mas a verdade é que a Ucrânia tem vindo a ser um cadinho ineficaz, e a mistura étnica de Russos, Judeus, Tártaros da Crimeia e até neo-Nazis permanece instável até hoje. Mais do que um cadinho, dever-se-ia falar de uma ‘panela de pressão’ que, claramente, poderá ser a primeira coisa a explodir. Tal como Patrick Buchanan faz notar:

“Oito milhões dos Ucrânicos são de origem Russa. Na Ucrânia oriental e na Crimeia, a maioria fala Russo e quer esta união. A Ucrânia

ocidental olha para a Europa... Excessivamente empurrada e pressionada com demasiada firmeza, a Ucrânia poderá desintegrar-se.”⁴

Os E.U.A. e a C.I.A. na Ucrânia

Devido a várias razões, a Ucrânia é um verdadeiro alvo para a exploração. Os imperialistas ocidentais vêm os incentivos estratégicos, financeiros e políticos da integração da Ucrânia na União Europeia e na NATO (Organização do Tratado do Atlântico do Norte, com o centro em Bruxelas), e já gastaram muito tempo e investiram também muito dinheiro para engendrar o conflito em Kiev. Explica Paul Craig Roberts (anterior Secretário-Assistente da Tesouraria, e editor associado do *The Wall Street Journal*):



Há 10 cidades na fronteira oriental da Ucrânia – perto da Rússia – que têm fortes sentimentos pró-Russos, e que mostram mais lealdade para com a Rússia do que para com o resto da Ucrânia. Tal facto tornou-se o centro da atenção internacional durante vários meses. É que nessas cidades, muitas pessoas entre os civis têm sido assassinadas por causa de manifestarem a sua vinculação política pró-Rússia.

“Os EUA e a UE cooperaram inicialmente na tentativa de destruir a independência da Ucrânia e de a subjugar, fazendo dela uma entidade servil do Governo da UE em Bruxelas. Para o Governo da UE, o objectivo é expandir a UE. Para Washington, os motivos são fazer da Ucrânia um lugar disponível para a pilhagem feita dos bancos e empresas americanos, e incorporar a Ucrânia na NATO – para Washington poder estabelecer mais bases militares junto da fronteira russa. ...

“As manifestações na Ucrânia ocidental [foram] organizadas pela CIA, pelo Departamento de Estado Americano e por Washington – e ainda por organizações não-governamentais (ONGs), financiadas tanto por Washington como pela UE, que operam em colaboração com a CIA e o Departamento de Estado. ...

“O desafecto em relação à Rússia que existe na Ucrânia ocidental facilita a intenção da UE e dos EUA de causarem problemas. Aqueles que, em Washington e na Europa, desejam destruir a independência da Ucrânia, apresentam uma Ucrânia independente que é refém da Rússia, enquanto que uma Ucrânia integrada na UE [estaria] supostamente sob a protecção dos EUA

e da Europa. As largas somas de dinheiro que Washington investe em ONGs na Ucrânia têm o fim de propagar esta ideia...Algumas aparentam ser ‘organizações para a defesa dos direitos humanos’. Outras doutrinam o povo disfarçadas de ‘programas educativos’, com *slogans* como ‘Construindo a Democracia’. Outras, especialmente as dirigidas pela CIA, especializam-se nas provocações...”⁵

O financeiro Húngaro-Americano George Soros tivera um papel significativo no desmoronamento da Ucrânia ao longo de décadas que culminou, em meses recentes, nas insurreições sangrentas de Kiev. Escreve o jornalista Peter Papaherakles:

“Neste jogo mundial, o grande jogador é o Húngaro multi-milionário George Soros, cujo verdadeiro nome é Gyorgy Schwartz. Considerado o vigésimo-segundo homem mais rico do Mundo – com um capital de 20 mil milhões de dólares – Soros é o investidor e o esquerdista mais influente do planeta e a imagem pública da dinastia bancária da família Rothschild. Sendo o maior contribuinte para a Campanha Presidencial, George Soros é um dos homens que instalou Barack Obama na Casa Branca em 2008. ...

“[Soros] é membro principal do Conselho de Relações Estrangeiras, dos Bilderberg, da Comissão Trilateral e de cada uma das outras organizações mundiais onde ele exerce um poder decisivo, dirigindo todo o aparelho da Nova Ordem Mundial... Chamando-se a si mesmo “filantropo”, a função de Soros é a de ser o impulso ideológico do domínio completo da mundialização e da Nova Ordem Mundial, ao mesmo tempo que se dedica à sua própria ganância financeira. Ele mesmo admite ter ajudado a engendrar golpes de estado na Eslováquia e na Croácia, e de ser o primeiro instigador das guerras na Jugoslávia, bem como colaborador na Revolução das Rosas, na Geórgia.

“Quando Soros decide que um país deve ter uma ‘mudança de regime’, começa por criar um governo-sombra, pronto a assumir o poder logo que haja oportunidade. Tal como fez em mais de uma dúzia de nações, sobretudo da Europa do Leste, Soros investiu, nas últimas duas décadas, centenas de milhões de dólares em organizações não-governamentais (ONGs), supostamente – e só na aparência – para as ajudar a transformar o seu país numa sociedade mais ‘aberta’ e ‘democrática’.

“Só a Fundação Renascimento Internacional (FRI), uma das suas fundações de Sociedade Aberta, investiu mais de 100 milhões de dólares nas ONGs Ucrânicas, grupos comunitários, instituições académicas e culturais e casas editoriais entre 1990 e 2010. Só em 2012, a FRI forneceu mais 63 milhões de dólares do que qualquer outra organização doadora, numa Ucrânia faminta de dinheiro, com a intenção de seduzir e subornar toda a oposição política legítima, juntando-se à campanha ‘progressista’ aprovada por George Soros. A página web da FRI afirma claramente que os recursos

financeiros de Soros têm como objectivo promover a ‘integração’ da Ucrânia na UE e a sua ‘associação’ com a mesma.”⁶

O Domínio da Turbamulta contrário à Democracia

Quando o candidato pró-Russo Viktor Yanukovich foi eleito Primeiro-Ministro da Ucrânia em 2004, Soros orquestrou a “Revolução Laranja” que fez com que Yanukovich se demitisse, instalando no poder os políticos pró-UE Victor Yushchenko e Yulia Tymoshenko. Depois, em 2010, Yanukovich foi eleito de novo, desta vez como Presidente da Ucrânia. Quatro anos mais tarde, em Novembro de 2013, a iminente tempestade da oposição ocidental explodiu outra vez, quando Yanukovich rejeitou o acordo do pacote económico Europeu em favor de um pacote mais generoso, da Rússia.

A oferta da UE suporia a chegada à Ucrânia de empréstimos e créditos não muito valiosos, mais a obrigação de se realizarem reformas estritas na Economia Ucraniana. A Rússia, pelo contrário, oferecia \$15 mil milhões em empréstimos sem nenhuma contrapartida, e ainda a promessa de preços reduzidos no petróleo e no gás para a Ucrânia. A decisão não foi difícil. Mas quando Yanukovich apertou a mão a Pútín, logo as Potências Ocidentais (inclusive o Governo dos E.U.A. e os da União Europeia) instigaram a população a fazer uma manifestação em massa.



A Europa de Leste depende da Rússia para o gás natural, por meio de um sistema de gasodutos que atravessam a Ucrânia. Todos sabem que às vezes Moscovo corta o gás, quando os seus clientes não pagam pontualmente, mesmo que seja no meio do inverno.

Milhares de Ucrânianos favoráveis ao Ocidente invadiram a Praça da Independência em Kiev, e não apenas para um desfile de um dia: montaram tendas e barracas, e construíram fortalezas cerradas com barricadas de onde desafiavam a polícia, recusando sair de lá até que Yanukovych revogasse o seu acordo com a Rússia.

No entanto, depressa se tornou evidente para os líderes da Europa como era perigoso o jogo em que se tinham metido. A ameaça de uma conquista da Ucrânia pela NATO provocaria, de certeza, uma resposta agressiva por parte da Rússia – de quem a Europa depende em grande parte para o seu abastecimento de combustível. (Provavelmente ninguém se terá esquecido do inverno de 2009, quando Moscovo fechou o gasoduto para Kiev, deixando ao frio as cidades através do Leste da Europa). Pior será ainda, se a usurpação da NATO provocar uma confrontação militar com a Rússia: a Europa seria então destruída por completo. A partir de Dezembro, a UE começa a retirar-se do seu papel de fomentador das manifestações em Kiev.

Washington paga 5 MIL MILHÕES de Dólares para Manifestações de Protesto na Ucrânia

A Secretária de Estado Assistente dos E.U.A., Victoria Nuland, foi apanhada a censurar a UE relativamente a este desenrolar dos acontecimentos, numa conversa ao telefone com Geoffrey Pyatt, Embaixador Americano na Ucrânia. Esta conversa foi alvo de uma escuta telefónica clandestina, e a gravação foi divulgada pela Internet, sem autorização.



A Secretária de Estado Assistente Americana Victoria Nuland, à saída de uma conferência de imprensa na Embaixada Americana em Kiev, em Fevereiro de 2014. A gravação de uma desconcertante conversa telefónica, em que a Sra. Nuland denegria a União Europeia por ter retirado o seu apoio à revolução na Ucrânia, foi divulgada sem autorização na Internet por um funcionário do Governo Russo não identificado.

Infelizmente, a atenção do público pareceu centrar-se na vulgaridade da Sra. Nuland pelo seu modo de se expressar, mais do que no conteúdo das suas palavras. Mas ela deu ao Embaixador a lista dos membros específicos da oposição que Washington se propunha instalar no poder na Ucrânia, e também a daqueles que Washington não permitiria que fossem incluídos – logo que o Governo da altura fosse derrubado.

Esta é a mesma Victoria Nuland que, a 13 de Dezembro de 2013, se gabou perante o Clube de Imprensa Nacional de Washington de ter repreendido pessoalmente o Presidente Ucrainiano Yanukovich pela sua política estrangeira favorável aos Russos, qualificando-a como algo “absolutamente inadmissível”. Ao mesmo tempo, Victoria Nuland revelou que os E.U.A. tinham “investido” mais de 5 mil milhões de dólares para o desenvolvimento de “instituições e competências democráticas” na Ucrânia.⁷ O significado disto tornou-se claro a 4 de Fevereiro, quando a gravação anteriormente mencionada foi divulgada no YouTube, como relata o jornalista Finian Cunningham:

“[Expondo o seu] papel de organizadora furtiva dos manifestantes anti-governamentais na Ucrânia, Victoria Nuland... ouve-se a falar num tom imperioso sobre o modo como deverá ser constituído um novo Governo na Ucrânia ...e ela especifica quais os membros da turbamulta de rua em Kiev, apoiados pelos E.U.A., que devem ser (ou não ser) incluídos na formação de um novo Governo aprovado por Washington nesta antiga República Soviética. ...[A] divulgação da gravação, tornada pública pela Internet, expõe os planos subversivos de Washington e a sua intromissão nos assuntos



Foto por cortesia da Wikipédia. Polícias anti-distúrbios formam uma barreira. As forças policiais não puderam conter os milhares de manifestantes decididos a derrubar o Governo da Ucrânia, democraticamente eleito. As Forças Revolucionárias ocupam agora os edifícios do Governo, chamando a si o Poder Parlamentar.

internos Ucrânianos. Até agora, os Americanos têm aparentado piedosamente estar na posição de um espectador que, de longe, apoia a democracia. Mas agora, devido à indiscrição desbocada de Victoria Nuland, é que se revela a verdade. Washington, tal como ela admitiu, está a agir como instigador dos distúrbios políticos na Ucrânia.”⁸

O facto de muitos dos “manifestantes” serem ‘actores’ pagos tem vindo a ser comprovado por jornalistas locais. Um homem declarava: “-A minha mulher, que é de nacionalidade Ucrâniana, todas as semanas contacta com os seus parentes e amigos em Zhytomyr [no Noroeste da Ucrânia]. Segundo eles, a maioria dos manifestantes recebe um pagamento médio de 200-300 grivna, o que equivale a uns 15-20 euros.” Outro, Johannes Lowe, dizia: “Voltei recentemente da Ucrânia (moro em Munique, Alemanha) e estive várias vezes em Maidan. A maioria dessa gente só recebe 100 grivna. 300 é para os estudantes.”⁹

É evidente que nem todos os manifestantes eram pagos. Uma grande parte, sem dúvida, agiria por supor, honestamente, que a manifestação era contra a corrupção governamental ou contra a excessiva influência da política Russa, desconhecendo totalmente que estavam a ser manipulados. É também significativa a existência, entre os manifestantes, de um elemento fascista radical denominado ‘Sector da Direita’, que em meados de Fevereiro tomou o controle das manifestações.

O ‘Sector da Direita’ tem sentimentos neo-Nazis herdado dos Ucrânianos Ocidentais, que lutaram contra a Rússia ao lado de Hitler.

De 18 a 21 de Fevereiro: Atiradores furtivos disparam contra ambos os lados

Apropriando-se de armas e munições de um arsenal, estes ultra-nacionalistas transformaram as manifestações pacíficas da Praça da Independência num cenário violento, quando os manifestantes tomaram de assalto os edifícios governamentais e os incendiaram, chegando mesmo a matar polícias e funcionários do Governo.

Segundo declararam, os líderes moderados das manifestações (que tinham sido pagos para fazerem a vontade do Ocidente) perderam o controle do movimento – que passou para as mãos do Sector da Direita, que transformou por completo o objectivo das manifestações. A turbamulta já não exigia simplesmente que o acordo financeiro com a Rússia fosse revogado a favor da UE, mas sim que toda a Administração de Yanukovych fosse deposta – como acabou por acontecer.



Foto por cortesia da Wikipédia. Dos mais de 100 manifestantes assassinados na revolução da Praça da Independência em Kiev, a maioria faleceu a 20 de Fevereiro, atingida por disparos de atiradores furtivos ou por armas automáticas. O que é estranho é terem muitos polícias sido também feridos ou assassinados pelos atiradores furtivos.

De 18 a 21 de Fevereiro foram quatro dias de motins intensos e de derramamento de sangue em Kiev.

Um elemento terrível e enigmático daquele inferno na terra foi o fogo mortífero de atiradores furtivos – que, ao que parece, eram da polícia – posicionados nos telhados dos edifícios. À medida que aumentava o número de vítimas de ambos os lados da confrontação, ia-se tornando evidente que os atiradores furtivos estavam a disparar *tanto contra os manifestantes como contra os polícias*. Urmas Paet, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Estónia, confirmou a Catherine Ashton, Representante da Segurança e dos Negócios Estrangeiros, que os atiradores furtivos eram agentes das novas alianças que os E.U.A. instalaram no poder, e não agentes Russos (como afirmavam os representantes de Washington):

“Pode provar-se com toda a evidência que as pessoas que foram mortas pelos atiradores furtivos eram de ambos os lados, tanto polícias como gente da rua – e que foram os mesmos atiradores furtivos que mataram pessoas de ambos os lados. Portanto, temos agora uma compreensão ainda mais clara de que quem estava por detrás dos atiradores furtivos não era Yanokovych, mas sim alguém da nova aliança.”¹⁰

Um antigo sub-director da principal Agência de Segurança da Ucrânia disse, numa entrevista publicada num jornal ucraniano: “[Os] atiradores furtivos receberam ordens de disparar não só contra os manifestantes mas também contra as forças policiais. **Tudo aquilo se fez para intensificar o conflito...**”¹¹

21 de Fevereiro: Domínio Ainda Maior das Turbamultas

Finalmente, o Governo Ucrâniano democraticamente eleito de Yanukovich foi completamente derrotado. A partir de 21 de Fevereiro, Yanokovich, outros funcionários do Governo e as suas famílias fugiram da capital, e todos os polícias foram enviados para distritos distantes. O que restou dos edifícios do Governo, que foram saqueados e incendiados, ficou na mão dos revolucionários, que chamaram a si os poderes governamentais.



Foto por cortesia de: Bulent Kilic/AFP/Getty Images. Uma vista da destruição na Praça da Independência, em Kiev. Entre os mais de 100 mortos estão quer manifestantes quer polícias; há também mais de 1000 feridos graves.

Os “moderados” tomaram a sede do poder tal como fora planeado, mas os extremistas do Sector da Direita, ao que parece, conseguiram desde o início o poder de governar por intimidação. E esta ascendência persistente do Sector da Direita neo-Nazi entre os insurgentes é possivelmente, ainda hoje e em si mesma, a maior ameaça de se vir a espoletar uma guerra civil na Ucrânia – uma guerra, evidentemente, em que a Rússia não se manteria à margem.

Logo que as turbamultas destruíram o monumento aos soldados Russos que conquistaram a Ucrânia à Alemanha Nazi – acto cujo significado tanto a Rússia como os Ucrânianos Russos compreenderam – a sua resposta foi inequívoca. Informa Roberts:

“As regiões Russas da Ucrânia compreendem claramente que a destruição, pelo Sector da Direita, do monumento que comemora a ofensiva do Exército Vermelho contra as tropas Alemãs é uma ameaça à população Russa da Ucrânia. Os Governos regionais da Ucrânia oriental e meridional, que antigamente faziam parte da Rússia, estão a organizar milícias contra a

ameaça ultra-nacionalista espoletada de Washington...e formadas pelos ingénuos e incautos manifestantes de Kiev.

“A ala direita (sic) da Ucrânia está numa posição mais forte do que a dos fantoches ucranianos pagos por Washington...O Sector da Direita está organizado. Está armado. É nativo. Não depende do dinheiro investido por Washington ou pelas ONGs financiadas pela UE. Tem uma ideologia própria e está centrado nela.

“A Ucrânia é muito mais importante para a Rússia do que para os E.U.A. ou a UE. Se a situação na Ucrânia entrar numa descida íngreme e descontrolada e os extremistas da direita tomarem o controle, a intervenção da Rússia é certa...Segundo o *Moscow Times*, é este o depoimento de um importante oficial Russo: ‘-Se a Ucrânia se esmigalha, espoletará uma guerra’. ... E outro oficial Russo acrescentou: ‘-Não deixaremos que a Europa e os E.U.A. nos tirem a Ucrânia’”.¹²

Que o Sector da Direita tivesse levado a revolução noutra direcção, diferente da que Washington planeava, ou (como Max Blumenthal acredita)¹³ que o Sector da Direita seja conduzido também por Washington – em qualquer dos casos, estes ultra-nacionalistas são a verdadeira força dentro do Parlamento Revolucionário da Ucrânia. Os moderados, que aparentemente detêm a sede do poder, não têm outra escolha senão legislar o programa neo-Nazi – como, por exemplo, a actual proibição do uso oficial do idioma Russo.

No dia **1 de Março**, patriotas de origem Russa começaram a manifestar-se contra o novo Parlamento Revolucionário de Kiev, nas províncias orientais e meridionais da Ucrânia. O parecer quanto à Crimeia, no entanto, foi único e decisivo.

A Crimeia tinha a categoria de uma república autónoma dentro da Ucrânia, e o Primeiro-Ministro da Crimeia apelou directamente ao Presidente Pútín da Rússia para “fornecer assistência para assegurar a paz e a tranquilidade no território” da Crimeia.¹⁴ Naturalmente, Pútín não pôde ignorar uma ameaça tão importante e estratégica para o acesso da Marinha Russa ao Mar Negro, através do seu porto na Crimeia. Como vimos *supra*, a “assistência” pedida à Rússia chegou numerosa.

De 16 a 18 de Março: Referendo

O Parlamento da Crimeia naquela altura põe ante a população a questão da independência da Ucrânia. Num referendo público que teve lugar a **16 de Março**, com um *record* de participação de 83% da população da Crimeia, a esmagadora maioria (96%) votou a favor de se separar da Ucrânia para se unir outra vez à Federação Russa. No dia seguinte, **17 de Março**, o Parlamento da Crimeia declara a independência nacional em relação à Ucrânia e pede à Federação Russa para ser novamente recebida como território da Rússia. A **18 de Março**, a Rússia e a Crimeia assinam um tratado de adesão, e no dia seguinte as Forças Armadas Ucranianas são despejadas das suas bases na Crimeia pelas tropas Russas.¹⁵

Outros Movimentos Separatistas na Ucrânia

Houve semelhantes chamadas à autonomia nas províncias orientais ucranianas etnicamente Russas. Além disso, desde o final de Fevereiro, patriotas pró-Russos assaltavam edifícios do Governo nas províncias orientais de *Donetsk*, *Luhansk*, e *Kharkiv*. Desde então e pelo menos numa dúzia de cidades daquelas províncias, a posse dos edifícios administrativos tem passado várias vezes de um lado para o outro entre as duas facções armadas, com baixas significativas. O mais trágico foi que, em Odessa, mais de 30 manifestantes pró-Russos foram queimados vivos num edifício armadilhado com bombas incendiárias por uma turbamulta pró-Kiev.



Rebeliões pró-Russas nas regiões orientais e meridionais da Ucrânia, que se seguiram ao golpe de estado pró-Occidente em Kiev. O controle dos edifícios da Administração do Governo Regional (AGR) das províncias orientais de Kharkiv, Luhansk e Donetsk passou várias vezes de um lado para o outro entre as duas facções, com baixas numerosas.

O novo Governo Ucraniano gostaria de esmagar inteiramente os movimentos orientais, mas qualquer tentativa de o fazer provocaria, obviamente, o efeito contrário. A Rússia (que recusou reconhecer o novo Governo Revolucionário em Kiev) encontra-se à espera, prometendo protecção aos Russos étnicos da Ucrânia oriental, com aproximadamente 40.000 militares ao longo da fronteira.